

**BAIXADA DE IRAJÁ: Espacialidades da Freguesia Nossa Senhora da  
Apresentação de Irajá.**

MARIA CELESTE FERREIRA <sup>1</sup>

CLEYDSON GARCIA DA SILVA<sup>2</sup>

**RESUMO**

As espacialidades suburbanas têm como pano de fundo as antigas freguesias rurais coloniais da cidade do Rio de Janeiro. A igreja “Nossa Senhora da Apresentação de Irajá”, criou novas espacialidades. A baixada de Irajá e o bairro, estão relacionados historicamente a esta igreja e consolidados nos subúrbios cariocas.

**ABSTRACT**

Suburban spaces have the background of the old colonial rural parishes in the city of Rio de Janeiro. The church “Our Lady of Presentation of Irajá”, created new spatialities. The Baixada de Irajá and the neighborhood are historically related to this church and consolidated in the suburbs of Rio

**PALAVRAS CHAVES:** Subúrbios Cariocas – Freguesias – Baixada de Irajá - Bairro

**Introdução**

A diversidade no tempo e no espaço, do recorte geográfico denominado “baixada de Irajá”, foi o eixo central das apresentações do coletivo IHGBI – Instituto Histórico e Geográfico da Baixada de Irajá, no dia 10 de novembro de 2019, na Casa do Jongo em

<sup>1</sup>Mestranda UERJ/2018, interesse nas áreas de História, Memória e Patrimônio. Dissertação em andamento: A MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA APRESENTAÇÃO DE IRAJÁ - Construção de um Patrimônio Histórico em uma Freguesia Rural do Rio de Janeiro. Atuante no coletivo IHGBI - Instituto Histórico e Geográfico da Baixada de Irajá. Publicações: FERREIRA, Maria Celeste. Aproximações Históricas Entre Cristãos-Novos e a Baixada de Irajá. In: CHCJ – Centro de História e Cultura Judaica (Org.) *História dos Cristãos-Novos no Brasil*. 2017. FERREIRA, Maria Celeste. *A Formação da Cidade do Rio de Janeiro na Criação da Freguesia Rural de Irajá - 1644/47*. I Encontro Internacional: História & Parceria e XVIII Encontro ANPUH-RJ, 2018. FERREIRA, Maria Celeste. LIMA, Luiz Claudio Motta. Entre o Sagrado e o Profano: Matriz de Irajá e o Cine Vaz Lobo. In: SANTOS, Joaquim Justino; MATTOSO, Rafael, GUILHON, Tereza e (Orgs). *Diálogos Suburbanos: identidades e lugares na construção da cidade*. 1ª ed, Rio de Janeiro, Mórula, p.63-85, 2019. [celestehugferreira@gmail.com](mailto:celestehugferreira@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduando em Arquitetura, na FEEVALE, membro do IHGBI, pesquisador sobre os temas fundiários da baixada de Irajá. Estudioso da geografia histórica, patrimônio histórico, fazendas, engenhos, capelas, arquitetura colonial e neoclássica. Atuante nas mídias digitais do coletivo IHGBI - Instituto Histórico e Geográfico da Baixada de Irajá. Publicações e postagens no Blog Urbe Carioca: Caso da Fazenda Botafogo; Ilha do Raimundo; História dos Dois Irmãos/Vidigal e Águas Férreas no Cosme Velho. [velstand-15@hotmail.com](mailto:velstand-15@hotmail.com)

Vaz Lobo/RJ. O coletivo de pesquisadores e estudantes sobre essa parte dos subúrbios cariocas participaram da programação do I Viradão Cultural Suburbano<sup>3</sup>. A apresentação oral e em slides feita pelo IHGBI incluíramos temas sobre: freguesias e patrimônios coloniais, os coretos de carnaval, fachadas e memórias de cinemas de rua como o Oriente em Olaria e o Cine Vaz Lobo; além da história e memórias dos costumes e as identidades suburbanas, as quais foram objetos de reflexão no GT – Histórias e Sociabilidades Suburbanas.

O coletivo IHGBI é composto de moradores e pesquisadores dedicados às histórias e as memórias de bairros cariocas que compõem parte da área Norte da cidade. A escolha do título “Baixada de Irajá: espacialidades da freguesia Nossa Senhora da Apresentação de Irajá”, deve-se ao objetivo de enfatizar a formação das antigas freguesias rurais coloniais da cidade do Rio de Janeiro que compõem os subúrbios. Os conceitos usados no texto, são do campo da história e geografia, para observar camadas de temporalidades e de transformações do espaço físico e social que se entrelaçaram.

As espacialidades suburbanas podem ser pesquisadas em diversos campos, que precisam dialogar com a complexidade do conceito “subúrbios cariocas”. A expressão foi explicitada por Nelson da Nóbrega Fernandes<sup>4</sup>, geógrafo, que interpreta o processo em que diferentes espacialidades suburbanas são depreciadas e desligadas da formação histórica da cidade. Alerta e questiona sobre a errônea simplificação na gênese sócio espacial: subúrbios/trens e zona sul/bondes. Desvenda principalmente a criação do “conceito carioca de subúrbio” e o apagamento de histórias e memórias anteriores sobre esse recorte negativo, datado nos inícios do século XX com auge na década 50/60 do mesmo século. Critica a história oficial de que todos os bairros “suburbanos”, sem exceções, foram produzidos unicamente pelo adensamento provocado pelas linhas férreas. A cristalização de uma história única foi agregada no significado da palavra “subúrbio”, como lugar “sob o signo da falta”, de “carência”, da pobreza e posteriormente do exótico que ainda prevalece em diversos setores da sociedade.

---

<sup>3</sup>Evento cultural organizado por moradores, coletivos e ativistas da área das artes e cultura em geral. Na Casa do Jongo entre Madureira e Vaz Lobo, foi organizado Mesas de trabalhos acadêmicos: história e sociabilidades suburbanas. Abertura feita pelas professoras Ana Paula Alves Ribeiro e Sandra de Sá Carneiro, da UERJ e encerramento com palestra com os pesquisadores Luiz Antônio Simas e Rodrigo Faour sobre identidade musical suburbana. Roteiros explicitados em vários jornais como por exemplo: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/o-que-fazer-no-rio-de-janeiro/noticia/2019/11/07/bairros-do-rio-recebem-lo-viradao-cultural-suburbano-neste-fim-de-semana.ghtml> Acesso 1/03/2020

<sup>4</sup>FERNANDES, Nelson da Nóbrega. **O Rupto ideológico da Categoria Subúrbio – Rio de Janeiro 1858/1945**. Editora Apicuri. RJ. 2011.

As reflexões sobre os “subúrbios cariocas” assumem maior relevância pela falta de visibilidade de sua história e mapeamento dos antigos arrabaldes até a configuração dos bairros atuais na áreas norte e oeste da cidade do Rio de Janeiro. Vale seguir com a reflexão: “Identificar o que entendemos por subúrbios hoje requer um exercício constante de reflexão histórico-espacial[...]”<sup>5</sup>.

O geógrafo Marcelo Lopes de Souza<sup>6</sup> em seu trabalho sobre “Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial”, estabelece pressupostos sobre a densidade dos conceitos geográficos e suas relações transdisciplinares. As “espacialidades” são aqui entendidas no conjunto explicativo deste autor, que envolvem os conceitos de espaço geográfico, a organização espacial e a produção social do espaço, relacionando as seguintes premissas: a natureza não é exterior ao homem; o condicionamento histórico-social também afeta a ideia de natureza; as transformações da natureza não devem ser reduzidas apenas as relações de trabalho para estar atentos aos processos da arte e da cultura; a materialidade física estudada pela geografia varia historicamente em cada cultura; e por fim “as fronteiras entre natureza e cultura são reais, mas as suas relações e interpenetrações são dinâmicas, uma vez que a técnica constantemente influencia[...]”<sup>7</sup> o nosso olhar. Devemos questionar o ideal produtivista da história que promove a separação da natureza de suas relações sociais, após o auge na ideologia do progresso do século XIX.

A ênfase desse artigo foi dada em um movimento diacrônico, ao longo do tempo, através da história em direção a parte norte da cidade carioca e a criação de diversas espacialidades. Não é apenas uma sucessão de eventos, mas o olhar para as transformações ocorrida sem uma dada espacialidade, centralizada pela criação de uma igreja matriz colonial. As diferentes espacialidades das freguesias rurais do Rio de Janeiro, são recortes físicos da natureza transformados pela história e cultura, que por vezes aparecem desconectados do crescimento da área urbana mais central<sup>8</sup>. Área

<sup>5</sup>MATTOSO, Rafael, “Histórias e vivências suburbanas: valorização das experiências cotidianas na resistência cultural dos subúrbios cariocas”. In: SANTOS, Joaquim Justino; MATTOSO, Rafael, GUILHON, Tereza e (Orgs). **Diálogos Suburbanos: identidades e lugares na construção da cidade**. 1ª ed, Rio de Janeiro, Mórula, p.165, 2019.

<sup>6</sup>SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. 1ª edição, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2013.

<sup>7</sup>SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. 1ª edição, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, p.29, 2013.

<sup>8</sup>FERREIRA, Maria Celeste. **A Formação da Cidade do Rio de Janeiro na Criação da Freguesia Rural de Irajá - 1644/47**. I Encontro Internacional: História & Parceria e XVIII Encontro ANPUH-RJ, 2018. [https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529627770\\_ARQUIVO\\_Artigo.MCF.Ampuh.2018.pdf](https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529627770_ARQUIVO_Artigo.MCF.Ampuh.2018.pdf). Acesso 02/03/2020.

que referenciada historicamente pelo seu porto marítimo, porém comantiga conexão com outras partes, as dos arredores rurais que se urbanizaram ao longo do tempo<sup>9</sup>.

### 1-A Primeira Freguesia Rural do Rio de Janeiro

Destacamos a formação da primeira freguesias rural do município do Rio de Janeiro: a freguesia Nossa Senhora da Apresentação de Irajá inicialmente como uma pequena capela. Observamos como referência de sua existência, a data de 1613, marca grafada na pedra no frontispício da igreja atual, a qual estava ligada antes de ser paróquia e matriz a administração eclesial da Candelária.

As duas primeiras freguesias do município do Rio de Janeiro foram a de São Sebastião, nomeada em 1569, no alto do Morro do Castelo e a freguesia da Candelária de 1634, embora com capela e referências mais antigas. As duas primeiras freguesias da cidade do Rio de Janeiro, freguesia da Sé e da Candelária, foram chamadas séculos depois de “freguesias urbanas”, o que excluiu Irajá, por ser um arrabalde distante do centro e de economia predominantemente agrícola.

A matriz de Irajá, é a terceira igreja escolhida como matriz de freguesia em 1644/1647 e foi denominada, nos séculos posteriores de “freguesia rural” marcando uma diferença importante das novas freguesias que surgiam com o desenvolvimento do centro da cidade. As freguesias urbanas (em geral no centro da cidade) são mais conhecidas e estudadas como a de Santa Rita e São José(1751); Santana (1814), Sacramento(1831) entre outras. Essa terceira freguesia da cidade ou a “primeira freguesia rural carioca”, que foi a de Irajá, não recebeu de início o nome “rural”. Foi citada nos documentos de Monsenhor Pizarro (início XVIII), para localização da freguesia e matriz, o termo de “Recôncavo da Guanabara”.

Podemos observar na ilustração abaixo, uma percepção da espacialidade inicial da freguesia Nossa Senhora da Apresentação de Irajá de 1644 até 1661, em meados do século XVII, antes de sua primeira divisão. É necessário notar a área nomeada de baixada de Irajá envolve quase toda extensão, do que sobrou das posteriores fragmentações ao longo de séculos:

---

<sup>9</sup>SANTOS, J. J. M. dos: **De freguesias rurais a subúrbio: Inhaúma e Irajá no município do Rio de Janeiro**. Tese de Doutorado, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1997.

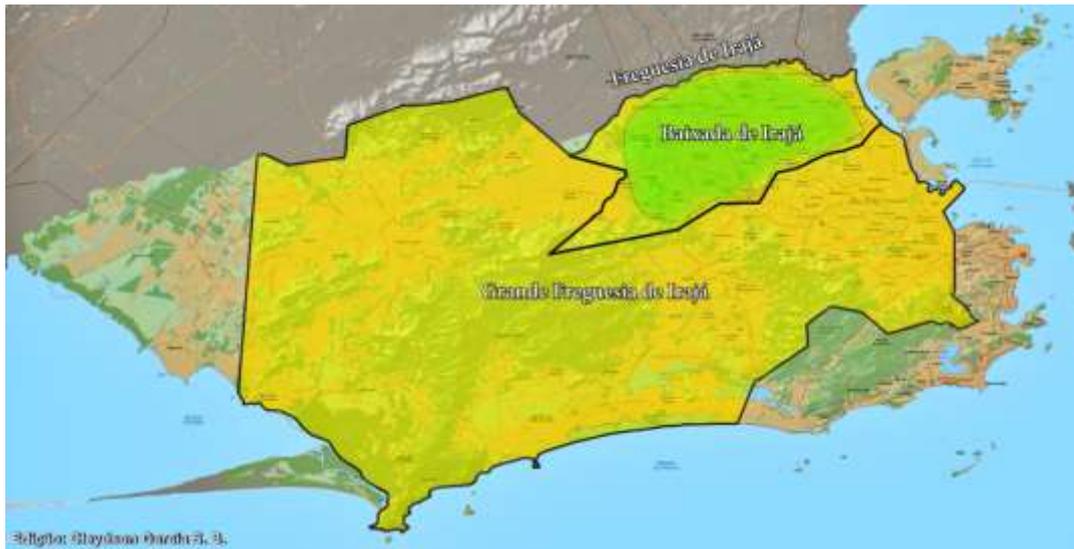


Figura 1: Ilustração produzida pelo pesquisador Cleydson Garcia em atuação com o coletivo IHGBI. Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação do Irajá 1644-1661.

O resultado, da ilustração (figura 1) é uma projeção imaginada a partir de informações de caminhos antigos, toponímias, referências das freguesias<sup>10</sup> e documentações sobre propriedades da terra em diversos arquivos e épocas. O objetivo é descongelar o foco na história das freguesias urbanas e realçar as áreas rurais mais antigas da cidade carioca (zonas norte e oeste).

O núcleo geográfico desta antiga freguesia de Irajá, ainda hoje, está marcado em uma planície chamada de baixada de Irajá. Essa atual espacialidade, a princípio “geográfica” é diminuta em relação ao passado histórico. Demonstra que não percebemos ainda a complexidade do passado relativo aos “subúrbios cariocas” e que através da Geografia Histórica surgem novas reflexões. Essa percepção da importância do espaço-temporal é reivindicada por pesquisas mais recentes: “A ausência desse tipo de ponderação faz com que a definição de subúrbios frequentemente seja confundida com uma noção simplista de área periférica, sem compreender as particularidades e a polissemia que essa categoria produz”<sup>11</sup>

Sabemos que antes da colonização os diferentes povos e nações que aqui viviam, deixaram marcas de suas sociedades e culturas, ainda pouco valorizadas pela história oficial. Importante fazer uma conexão com as reflexões contidas no texto: “A Vida

<sup>10</sup>SANTOS, Noronha, *As Freguesias do Rio Antigo – Vistas por Noronha Santos*. Ed. Cruzeiro, 1965.

<sup>11</sup>MATTOSO, Rafael, “Histórias e vivências suburbanas: valorização das experiências cotidianas na resistência cultural dos subúrbios cariocas”. In: SANTOS, Joaquim Justino; MATTOSO, Rafael, GUILHON, Tereza e (Orgs). *Diálogos Suburbanos : identidades e lugares na construção da cidade*. 1ª ed, Rio de Janeiro, Mórula, p.165, 2019.

Privada nas Áreas de Expansão da Sociedade Brasileira”, de José de Souza Martins quando este autor, relembra o processo de colonização, com profunda clareza dos desdobramentos históricos, sociais e culturais em nossa vasta imensidão geográfica: “Neste limiar do sexto século do Brasil, ainda há muitos cenários iniciais da conquista e do desencontro de humanidades que com ela se cumpriu[...]”<sup>12</sup>. Com a palavra “desencontro” o autor nos guia para expandir nossa consciência de um país com profundas desigualdades e diversidades. O texto articula história e cultura de forma ímpar, pois ao mostrar as heranças e mudanças do uso, gestão e direitos das propriedades, bem como nas relações entre os conceitos de público e privado, reafirma outras heranças como formas de resistências. Heranças que envolveram produção histórica e as memórias coletivas. Todas essas heranças, tradições e memórias, nos envolvem na vontade de conhecer o que está oculto nas espacialidades formadas por esse “desencontro”. Portanto ao pesquisar elementos e objetos da conquista portuguesa, não precisamos nos limitar a uma “história das elites” e sim utilizar todo e qualquer documento para atravessar a busca dessas resistências que reinterpretam as espacialidades, os locais e os lugares embrenhados de histórias e memórias.

A escravidão, de nativos e africanos marcou a formação da cidade em mais de três séculos. As relações escravistas moldaram a cidade carioca, em sua economia, política e cultura. Irajá sendo uma freguesia rural abrigava os contextos da escravidão. Toda igreja, morada de casas, engenhos e equipamentos eram construídas por mãos escravizadas, sejam nativas ou africanas, logo cada espacialidade, em diferentes épocas, carrega histórias inconclusas:

[...] antes de 1830, muitas Zonas do Rio tinham um baixo nível de urbanização e muitos escravos carioca trabalhavam em atividades agrícolas e pastoris de subsistência (...) Senhores e cativos viviam em chácaras [...] Outro fator que contribuía para a quantidade de escravos agricultores na cidade era a movimentação freqüente dos senhores rurais entre suas propriedades no campo e suas residências urbanas.<sup>13</sup>

O Rio de Janeiro torna-se uma cidade bifurcada entre cativos e livres. A ligação campo e cidade, também foi complexificada com relações dinâmicas entre as áreas mais afastadas do centro, como a freguesia de Irajá, ligadas por diferentes caminhos ao porto

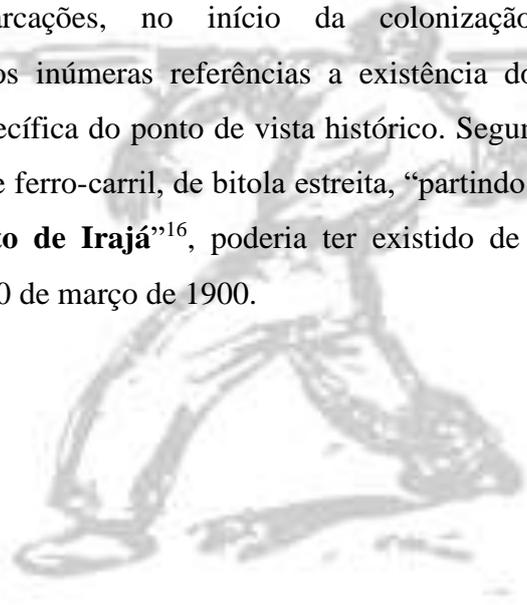
<sup>12</sup>MARTINS, José de Souza. “A Vida Privada nas Áreas de Expansão da Sociedade Brasileira”. In: NOVAIS, F. A. S., Lilian Moritz, (eds). **História da Vida privada no Brasil (contrastes da intimidade contemporânea)**. São Paulo: companhia das Letras, v.4, , p.660 1998.

<sup>13</sup>KARASCH, Mary. **A Vida dos Escravos no Rio de Janeiro, 1808-1850**. SP: Cia das Letras. p.260-261, 2000

marítimo. O centro e seus arredores estiveram em conexão, ao longo da história da cidade.

O progressivo domínio lusitano nas áreas ao norte da capitania real do Rio de Janeiro foi feito inicialmente através da baía de Guanabara que: “[...] guardava excelentes características estratégicas para a tecnologia militar da época: fortificações e observatórios naturais em seus morros. [...] Tais vantagens permanecerão no período que vai do século XVI à primeira metade do século XX.”<sup>14</sup>.

A toponímia nativa logo foi incorporada para localizações e mobilidade sobre as ilhas, planícies, serras e rios navegáveis para o interior, a partir de algumas enseadas da Baía de Guanabara. A Costa de Piracuanopã bem em frente a Ilha do Gato ou Paranapicu, hoje bem conhecida como a Ilha do Governador são referenciais importantes para localização física e histórica da região e foz do rio Irajá. Era provavelmente navegável por pequenas embarcações, no início da colonização lusa na Baía de Guanabara. Encontramos inúmeras referências a existência do porto de Irajá<sup>15</sup>, mas nenhuma pesquisa específica do ponto de vista histórico. Segundo Noronha Santos, até uma linha autônoma de ferro-carril, de bitola estreita, “partindo da estação de Madureira e terminando no **Pôrto de Irajá**”<sup>16</sup>, poderia ter existido de acordo com o Decreto Municipal nº 742 de 20 de março de 1900.



<sup>14</sup>LESSA, Carlos. **O Rio de Todos os Brasis. Uma reflexão em busca da autoestima**, 2ª edição, Ed. Record Rio de Janeiro. p.23, 2001.

<sup>15</sup>FRIDMAN, F. **Donos do Rio em nome do rei: Uma História fundiária da Cidade do RJ**. RJ:Ed. Jorge Zahar:Guaramond.p.90, 1999.

<sup>16</sup>SANTOS, Noronha. **As Freguesias do Rio Antigo – Vistas por Noronha Santos**.Cruzeiro,p.78-79, 1965.



século XVIII. Acrescentando ainda o peso histórico que representa os portos fluviais na constituição de um território específico – a “hinterlândia carioca” explicitada como área antiga: “Antes mesmos do final do século XVI, parte da hinterlândia carioca, definida pelas localidades às margens dos trinta e três rios que deságuam na Baía de Guanabara e por aqueles pertencentes às demais zonas rurais, já se dedicava à produção açucareira [...]”<sup>19</sup> As “baixadas geográficas” relacionavam-se com o núcleo inicial da fundação da cidade do Rio de Janeiro e dinamizavam o interior com trocas comerciais por diferentes caminhos ao longo do tempo.

O desenvolvimento dos bairros cariocas das antigas freguesias rurais de Inhaúma e Irajá possui um passado anterior às vias férreas. Encontramos os caminhos coloniais do açúcar ao ouro, antes de se tornarem urbanos, como aconteceu primeiro com Inhaúma<sup>20</sup> e posteriormente com Irajá. Os caminhos nativos e o fluxo dos portos fluviais, nos alertam para as dinâmicas entre o porto marítimo da cidade (Praça XV) e os portinhos intermediários que alimentavam as rotas entre os mais distantes lugares do continente. O que resultou na idéia da “cidade flutuante” tal era a intensidade das trocas comerciais e sociais ao longo de séculos pelas vias fluviais e marítimas. O que corrobora a perspectiva de que cada igreja, com suas diferentes funções da colônia ao império brasileiro, manteve-se imbricada na passagem de cenários rurais para o urbano<sup>21</sup>, com o crescimento de vilas e cidades.

---

<sup>19</sup>FRIDMAN, Fânia. **Donos do Rio em nome do rei: Uma História fundiária da Cidade do RJ**. Ed. Jorge Zahar.:Guaramond, p.871999.

<sup>20</sup> OLIVEIRA, Luiz Paulo Leal de. **Caminhos do Subúrbio Carioca: o papel das antigas estradas na formação dos bairros da região de Inhaúma**. Dissertação, Rio de Janeiro, UFRJ/FAU, 2018.

<sup>21</sup>FRIDMAN, Fânia. **Cartografia Fluminense no Brasil Imperial**. I Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica/Passado Presente nos Velhos Mapas: conhecimento e poder. Paraty, 10 a 13 de maio de 2011.



Figura3: Ilustração das baixadas geográficas, as quais faziam parte de grandes extensões chamadas freguesias rurais. Podemos notar o centro da fundação da cidade na forma oval e na forma retangular situada na faixa de planície ou “baixada” oceânica.

A Baixada de Irajá tem intensa relação com a Baixada Fluminense de ontem e de hoje, porém observamos que a formação da cidade carioca e sua expansão mostram conexões, em diferentes direções. Abreu<sup>22</sup> chama de “Irajá-Meriti”, a área de produção do açúcar e mostra como estavam delimitada por diferentes freguesias, mas imbricadas político, social e economicamente.

É preciso destacar a importância do passado açucareiro e as referências dos engenhos de cana, igrejas e fontes variadas da cidade colonial com seus arredores. A importância do período colonial também já foi reivindicada por outros autores, para cidades de grande porte, como Vitória do Espírito Santo, onde esse passado inicial luso, ficou um pouco esquecido<sup>23</sup>. Podemos complexificar a relação com as espacialidades limítrofes. Nomeamos o livro “História Social da Baixada Fluminense – das sesmarias a foros de cidade”, de Walter Prado para uma clara citação das divisões do “Recôncavo da Guanabara” em diversas baixadas:

O Recôncavo da Guanabara, mais tarde chamado Baixada Fluminense, fazia referência às áreas compreendidas entre o sopé da Serra do mar e as praias oceânicas, estendendo-se desde a foz inavergável do rio Paraíba do Sul até a ponta da rocha de Mangaratiba . [...]

<sup>22</sup>ABREU, Maurício de. **Geografia Histórica do Rio de Janeiro (1502 – 1700)**. Volume I e II, Andrea Jakobsson Estúdio e Prefeitura do Município do Rio de Janeiro, RJ. 2010.

<sup>23</sup>SOUZA, Luciene Pessoti de. “Vila de Nossa Senhora da Vitória: Por uma perspectiva urbana no Brasil Colonial”. In: SOUZA, Luciene Pessoti de e RIBEIRO, Nelson Pôrto (Orgs). **URBANISMO COLONIAL - vilas e cidades de matriz portuguesa**. Rd. Rio de Janeiro, CTRL C , p 163-199, 2009.

Com o passar do tempo e em função de peculiaridades econômicas, adquiriu configuração própria e foi essa área dividida em ‘Baixadas’[...]<sup>24</sup>

Utilizamos este autor, para afirmar que além de área geográfica de planície, abrigou núcleos de povoamento iniciais, a baixada de Irajá, junto com as demais baixadas (na ilustração as baixadas cariocas), adquirem “peculiaridades” tanto econômicas, com a cultura do açúcar, como particularidades sociais e administrativas, desde a época colonial. Uma igreja matriz escolhida como sede da “primeira” freguesia rural da cidade do Rio de Janeiro, é em larga medida um símbolo desse dinamismo histórico e social. Lembramos que a igreja matriz de Irajá primeiro torna-se uma paróquia com um clero fixo, sob os auspícios do rei de Portugal demonstra a ligação entre a fé católica lusitana e a governança da terra.

Tomamos como ponto de partida a criação da igreja matriz da freguesia de Nossa Senhora da Apresentação de Irajá, em 1644/47 e seus desdobramentos, isto é alguns registros da espacialidade eclesial em regime do padroado, quando o exercício da fé católica estava totalmente imbricada com o governo do rei de Portugal. O regime do Padroado é entendido como o entrelaçamento dos interesses da Igreja Católica, representado pelos sucessivos Papas e o reis de Portugal no início do processo de colonização chegou ao fim oficialmente em 1889.



Figura 4: Montagem e interpretação de Cleydson Garcia. Exercício ilustrativo da sesmária de Antonio de França de 1568, de acordo com as informações repassadas por Vieira Fazenda<sup>25</sup> e a lista de sesmarias organizada por Monsenhor Pizarro<sup>26</sup>

<sup>24</sup>PRADO, Walter. **História Social da Baixada Fluminense: Das sesmarias a foros da cidade**. Rio de Janeiro. Ecomuseu Fluminense, p.11, 2000. ISBN : 85-901214-2-9. Grifo meu.

Encontramos, desde o primeiro sesmeiro, Antônio de França, essa relação com a sesmaria em Irajá e sua casa no centro da cidade. “[...], no Oiteiro mas alto dêlle, forão dadas sesmarias para nêlles fazer cazas como o fez de taipa e pilão, nas quais vive e está de posse passífica de mais de quinze annos a esta parte e possui em boa fee,”<sup>27</sup> em registro feito pelo escrivão da Fazenda Baltazar da Costa em 1662. O documento situa a existência deste primeiro sesmeiro nas terras da freguesia de Irajá.

Os desmembramentos da freguesia de Nossa Senhora da Apresentação de Irajá são feitos após 17 anos de sua existência (1644-1661). Neste breve período, concentrou-se nessa área vastíssima, com autoridade eclesiástica, o primeiro pároco de Irajá - padre Gaspar da Costa.

## 2- A espacialidade da fé e administração colonial

A história da Prelazia do Rio de Janeiro está imbricada com a história da fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro no ano de 1565. A nova Prelazia foi desmembrada do Bispado da Bahia, na segunda metade do século XVI. O Breve “*Insuperem minenti militantis Ecclesiae*”, do Papa Gregório XIII, de 19 de julho de 1575 autorizava a nomeação de Bispos ou Prelados, eclesiasticamente subordinados ao Papa, mas escolhidos pelo rei de Portugal, como estabelecia o regime do **Padroado**. Os primeiros Prelados, do Rio de Janeiro administravam um extenso território desde a Capitania de Porto Seguro até o Rio da Prata. Essa vasta extensão territorial foi aos poucos subdividida em paróquias que centralizavam as documentações dos livros de batismo, casamento, óbitos de livres e escravizados. Eram sede das freguesias:<sup>28</sup>, sob a responsabilidade dos padres (párocos) nomeados por carta com o aceite do rei, estabelecendo oficialmente os limites de várias freguesias, sediadas em uma paróquia ou matriz. [...] freguesia, designação portuguesa de paróquia, é um território submetido à jurisdição espiritual de um cura que também exerce a administração civil. A palavra

<sup>25</sup>FAZENDA, Vieira. **Antiqualias e Memórias do Rio de Janeiro**. Revista do IHGB. Parte. IV, Tomo 93, vol.147. RJ. 1923.

<sup>26</sup>ARAÚJO, José Pizarro de Souza Azevedo e. **Relação das sesmarias da Capitania do Rio de Janeiro :extraída dos livros de sesmarias e registros do cartório do tabelião Antônio Teixeira de Carvalho, de 1565 a 1796**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

<sup>27</sup>BN/RJ - **Livro de Tombo do Collégio de Jesus do Rio de Janeiro/Anais da Biblioteca Nacional**, V.82. Divisão de Publicação. 1962.

<sup>28</sup> LIMA, Mons. Maurílio Cesar de. **Breve História da Igreja no Brasil**. Rio de Janeiro, Restauro, 2001.

paróquia vem do grego parochos[...] e paroikia (vizinhança; para, perto e oikos, casa).<sup>29</sup>

Na época em que a Prelazia do Rio de Janeiro era administrada pelo Prelado Doutor Antônio de Marins Loureiro, que pontua a dificuldade de acesso aos diferentes espaços geográficos da cidade. Os “caminhos intratáveis”<sup>30</sup> impediam o socorro as almas católicas para o ritual dos sacramentos. O Prelado e administradora da fé na Capitaniado Rio de Janeiro foi nomeado em 8 de outubro de 1643, por carta régia, ficando no cargo até 1657, dez anos após a confirmação do rei de Portugal a elevação da igreja de Nossa Senhora da Apresentação de Irajá ao status de matriz de freguesia, em 1647. A matriz foi confirmada no alvará de 10 de fevereiro de 1647 com assinatura do rei de Portugal, como registra Monsenhor Pizarro, que dentro das exigências do “direito canônico” da época, ressalta que templo foi feito inicialmente com contribuições dos “moradores” da região do Recôncavo da Guanabara.

[...] erigio essa Parochia no Campo de Irajá em o dia 30 de Dezembro do ano de 1644 tendoos seos moradores feito a sua custa a m.<sup>ma</sup> Igreja. Essa criação / assim como a das outras mais freguesias, de que falarei em seu lugar / foi confirmada pela Mag.<sup>e</sup> do S.<sup>r</sup> Rei. D. João IV, em seo alvará de 10 de fevereiro de 1647; [...] <sup>31</sup>

A matriz de Irajá foi registrada pelo trabalhos de Monsenhor Pizarro<sup>32</sup> em suas visitas as freguesias coloniais, relatando a data em que esta foi elevada à paróquia em 30 de dezembro de 1644. Este documento no AGCRJ (Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro) com o título: “Criação da Freguesia do Irajá[...]”<sup>33</sup> Podemos afirmar, então que a igreja Nossa Senhora da Apresentação de Irajá, foi transformada em matriz de freguesia, em 1644/47, logo ao fim da União Ibérica (1580-1640), com o desenvolvimento do empreendimento açucareiro. Podemos supor os aspectos construtivos da igreja que recebeu expansões necessárias para cumprir o seu papel social, econômico e político administrativo da primeira matriz de freguesia rural, dividida da freguesia da

<sup>29</sup> FRIDMAN, Fânia. **Freguesias do Rio de Janeiro ao final do século XVIII**. Mneme – Revista de Humanidades. UFRN. Caicó (RN), v. 9. n. 24, Set/out. p.2-3, 2008. ISSN 1518-3394. Disponível em [www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais](http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais). Acesso em 27-5-2014.

<sup>30</sup> ARAÚJO, José de Souza Azevedo Pizarro e, 1753-1830. **O Rio de Janeiro nas visitas pastorais de Monsenhor Pizarro: Inventário da Arte Sacra Fluminense**. Concepção e Coordenação Marcus Antônio Monteiro Nogueira. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: INEPAC, 2008.

<sup>31</sup> ARAÚJO, José de Souza Azevedo Pizarro e, 1753-1830. **O Rio de Janeiro nas visitas pastorais de Monsenhor Pizarro: Inventário da Arte Sacra Fluminense**. Concepção e Coordenação Marcus Antônio Monteiro Nogueira. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: INEPAC, p.59, 2008.

<sup>32</sup> GALDAMES, Francisco Xavier Müller. **Entre a Cruz e a Coroa: a Trajetória de Mons. Pizarro (1753-1780)**. Dissertação de Mestrado-UFF. RJ. Agosto/2007.

<sup>33</sup> AGCRJ - NOTAÇÃO – 45.2.4DATA- 1644/47 – TÍTULO - CRIAÇÃO DA FREGUESIA DO IRAJÁ “Provisão do Padre Gaspar da Costa a vigário da igreja de Nossa senhora da apresentação no Distrito de Irajá.

Candelária em 1644. Outras matrizes, incluindo a de Irajá, foram criadas no final da primeira metade do século XVII, segundo os relatos de Monsenhor Pizarro: a de Santo Antônio de Cacerebu (1624), São João de Trairaponga (1645) e São Gonçalo de Amarante (1645). Todas oficializadas de acordo com o Concílio de Trento, pertenceram à época de ampliação e povoamento de territórios, no mundo colonial em expansão. “As quatro novas paróquias foram cuidadosamente escolhidas e abrangeram as áreas onde a cultura canavieira se difundia”<sup>34</sup>.

O decreto de tombamento na esfera municipal – nº 12654 de 28 de janeiro de 1994, considera o “valor cultural da igreja de nossa senhora da apresentação de Irajá, por ser de devoção, das mais antigas da cidade”. Os valores de algumas imagens e evidências de que o “prédio” evidencia diferentes épocas históricas, ligadas a esta igreja matriz sob essa devoção, a qual é rememorada todo dia 21 de novembro. Podemos fazer um exercício imaginativo da decomposição das várias épocas na arquitetura do atual tempo. O templo possui até hoje, data em pedrade 1613 no seu frontispício e a atual construção confirma as diferentes épocas por suas ampliações e reformas.

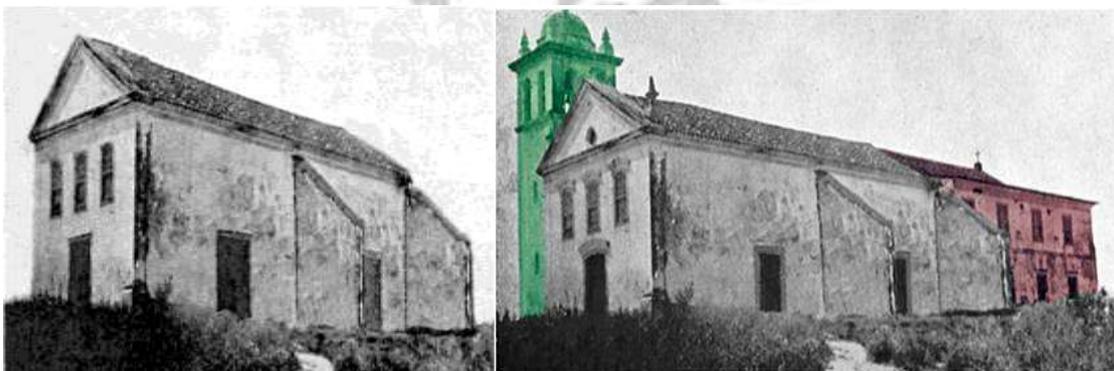


Figura 5:Foto montagem de Ronaldo Luiz-Martins, mostrando os acréscimos de várias épocas ao templo de uma possível capela. A foto original utilizada foi da Revista Rio Ilustrado 1937 – Biblioteca Nacional

A Prelazia do Rio de Janeiro foi convertida em Bispado ou Diocese em 1676, na segunda metade do século XVII, a matriz de Irajá funcionava há 32 anos como centro eclesial, atendendo os sacramentos aos seus fregueses e como centro administrativo em nome do rei lusitano. A história da Igreja Católica e do governo lusitano, estão unidos

<sup>34</sup>ABREU, M. de. *Geografia Histórica do Rio de Janeiro (1502 – 1700)*, Tomo I e II, RJ: Andrea Jakobsson Estúdio e Prefeitura do Município do Rio de Janeiro, Vol.1, p.349, 2010.

na construção da colônia portuguesa na América. O controle entre a fé e os interesses laicos aparecem na historiografia com vários registros de perseguições a diversas categorizações como o hereje, sodomitas, pecadores de toda sorte e judaizantes. Enfatizamos a produção do espaço social na época colonial, através dos registros do livro “Vínculos do Fogo” de Albert Dines sobre os Cristãos-Novos, os quais habitaram parte da freguesia de Irajá. Uma história já conhecida pelos historiadores da Baixada Fluminense<sup>35</sup>

Aqui destacamos outros personagens ligados diretamente às posses e propriedades nas terras da freguesia de Irajá. O casamento celebrado no ritual cristão na Candelária teve festas nas terras de Irajá. O “opulento contratador”, pai da noiva, tinha engenhos na Freguesia de Nossa Senhora do Irajá. A denúncia feita sobre a festa de casamento de Manuel de Paredes (30 anos) e de Catarina Marques (17 anos) com o assentamento (o registro do casamento) feito no livro da Igreja da Candelária, descreveu também onde vem o noivo: “Manuel de Paredes da Silva, natural desta cidade, filho legítimo de Luís Fernandes do Crato, já defunto, e da sua mulher Beatriz de Paredes, da freguesia de Nossa Senhora do Irajá”<sup>36</sup>. O personagem principal do livro de Dines é Antônio José da Silva, dramaturgo conhecido pelo apelido de *o Judeu*, bem mais tarde vítima do Santo Ofício em 1739. O casamento pode ter iniciado uma longa onda de denúncias ligadas a uma rede familiar ou apenas colaboradores que envolveria a prisão de determinados praticantes de rituais judaicos. Eram acusados de seguidores “da lei de Moisés” e do culto a Rainha Ester, e muitas mulheres também foram perseguidas<sup>37</sup>.

O “mapa” ilustrativo das famílias condenadas pela inquisição no início do século XVIII, reforça suspeitas de interesses econômicos além dos dogmas religiosos nesse episódio e período. O autor, mostra também a localização dos engenhos principais ligados a cada família envolvendo as espacialidades da Baixada Fluminense e de São Gonçalo junto com a baixada Irajá, na época apenas parte da freguesia e igreja do mesmo nome:

- “1- Engenho da Covanca;
- 2-Freguesia de São João de Meriti;
- 3- Sesmaria de Miguel Cardoso (Inhomirim);

<sup>35</sup> TORRES, Gênesis (Org). **Baixada Fluminense: a construção de uma história – sociedade, economia e política**. São João de Meriti, RJ, IPHAB Ed, 2004.

<sup>36</sup> DINES, A. , **Vínculos do Fogo – Antônio José da Silva, o Judeu e Outras Vítimas da Inquisição em Portugal e no Brasil**. RJ: 2ª edição, Banco Safra, p.427, 1992.

<sup>37</sup> GORENSTEIN, L.A **Inquisição contra as Mulheres, Rio de Janeiro séculos XVII e XVIII**. São Paulo: Associação editorial Humanitas: Fapesp, 2005.

4- Irajá, terras de José Gomes daSilva, abastado comerciante e senhor de engenho;

5-Sítio da Covanca;

6- Jacutinga;

7- Guaxindiba (Colubandê).”<sup>38</sup>

No início do século XVIII foram 325 acusados pelo Santo Ofício no Rio de Janeiro- 158 homens e 167 mulheres, das quais 140 eram naturais da cidade carioca. mostra a “endogamia”, destas famílias no Rio de Janeiro, e participação das mulheres nos negócios das famílias cristãs-novas – “administração dos engenhos e controle dos escravos” . Um grande número de acusados pelo Santo Ofício, no século XVIII, estava em uma rede de famílias: os Mendes, os Vale, os Costa, os Barros, os Lucena-Montarroyo,os Paredes, os Cardoso, os Rodrigues de Andrade,os Crato, os Henriques Mendes da Silva, os Leão Lopes Veiga, os Siqueira Mendes da Paz, os Gomes Silva, os Correia Ximenes, os Rodrigues Simões e os Gomes Dinis.

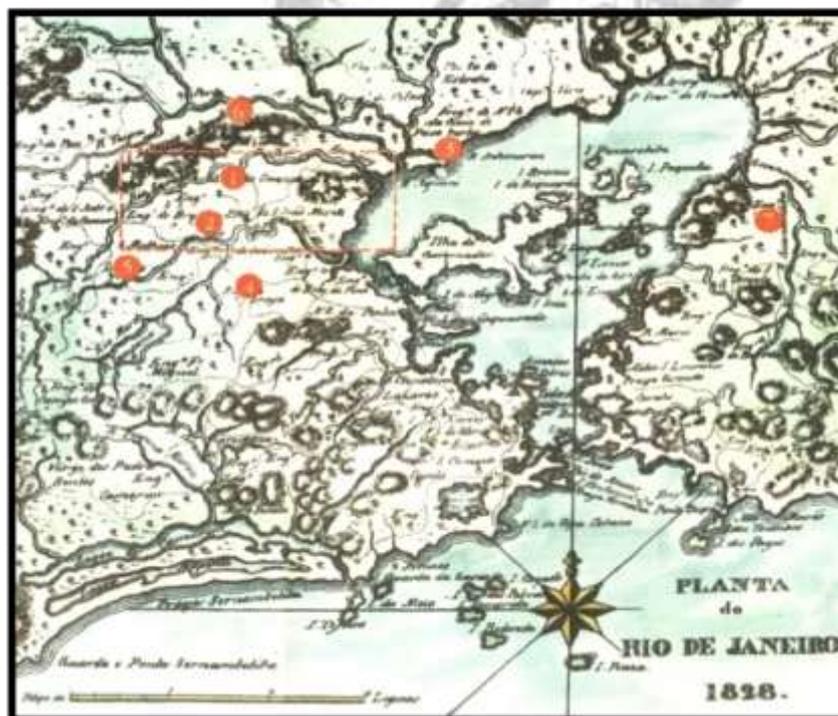


Figura 6: Livro “Vínculos de Fogo” – Somente o número 4 é o engenho ligado a localização da freguesia de Nossa Senhora da Apresentação de Irajá, pois no início do século XVIII já estavam desmembradas as freguesias de Jacarepaguá e a de Campo Grande das terras da antiga freguesia de Irajá.

38

Devemos lembrar que foram chamados de “marranos fluminenses”, estudados por muitos pesquisadores da Baixada Fluminense, onde havia grande número dos perseguidos pela inquisição. Queremos lembrar que estes Cristãos-Novos se localizaram também em algumas partes do novo recorte administrativo e geográfico, chamado de Município Neutro, pelo decreto imperial de 12 de agosto de 1834, atual localização do município do Rio de Janeiro. O nosso destaque foi para mostrar que Irajá está entre as espacialidades conectadas as muitas histórias dos Cristãos-Novos.

Os historiadores da Baixada Fluminense usaram com competência, suas paróquias e matrizes de freguesias para comporem os “caminhos da fé”, onde observaram a organização da sociedade, o desenvolvimento sócio-político de seus bairros e municípios<sup>39</sup>. Recorreram à freguesia como estudo de caso, para desvendar e compor uma história social crítica, explicitando as relações entre escravizados e livres<sup>40</sup>, como por exemplo, na freguesia do Pilar, e promoveram também a divulgação de seus patrimônios religiosos<sup>41</sup>. São pesquisas que nos interessam muito, visto que os limites e fronteiras da antiga freguesia e hoje da baixada de Irajá, como um pequeno recorte da imensa e antiga freguesia de Irajá, fazem parte da história do “Recôncavo da Guanabara” e está ligada a estas regiões, atualmente denominada de “Baixada Fluminense”.

---

<sup>39</sup> SOUZA, Marlúcia Santos de. **Escavando o Passado da Cidade: História Política da Cidade de Duque de Caxias**. RJ: APPH-CLIO, 2014

<sup>40</sup> BEZERRA, Nielson Rosa. **A Cor da Baixada: Escravidão, Liberdade e Pós Abolição no Recôncavo da Guanabara**. Duque de Caxias- RJ, APPH-CLIO, 2012.

<sup>41</sup> GUSMÃO, Elaine Tavares de; ALMEIDA, Tânia Maria da S. Amaro de (Orgs). **PATRIMÔNIO DA FÉ- Diocese de Duque de Caxias**. MDC, ASAMIH, 2019.



Figura 7–Fonte: Arquivo Nacional. Mapa do Município Neutro<sup>42</sup>. O mapa foi consolidado após o Ato Adicional de 1834 que criou o Município Neutro como uma unidade administrativa autônoma das demais províncias. Observamos que a legenda, reafirma a condição de “paróquia” suburbana, permanecendo a igreja como referência de espacialidade da freguesia de Nossa Senhora da Apresentação de Irajá.

Outra peculiaridade da igreja de Irajá é a Apresentação de Maria ao templo de Jerusalém. Essa ligação das memórias religiosas entre judeus e cristãos, podem acessar uma gama de significados e relações que ampliam a importância do orago de Nossa Senhora da Apresentação de Irajá. Os “evangélicos apócrifos”, para a Igreja Católica não são livros reconhecidos como sagrados ou canônicos. Possuem sua importância, nas datas de memória<sup>43</sup> da igreja e da sua própria história. Nossa preocupação concentra-se nos elos possíveis dessa igreja suburbana, com a historiografia colonial brasileira, pois no Brasil apenas duas outras igrejas receberam o nome dessa santa como padroeira. Uma em Natal (Rio Grande do Norte), que conservou a devoção de Nossa Senhora da Apresentação, com festa 21 de novembro, mas em 1753 a aparição de uma imagem de Nossa Senhora do Rosário, no rio Potengi, assumiu o lugar iconográfico<sup>44</sup> e outra em Porto Calvo no Estado de Alagoas. Todas as três, incluindo a de Irajá, foram

<sup>42</sup> Para uma boa visualização do mapa indicamos: <https://www.flickr.com/photos/arquivonacionalbrasil/36954630760>. Acesso 17 de março de 2020

<sup>43</sup>FARIA, Teodoro de. **MARIA, Mãe de Jesus**. Ed. Paulinas, Portugal, 201

<sup>44</sup>OLIVEIRA, Hélio de. **Nossa Senhora da Apresentação: Um resgate estético para a cidade de Natal**. Natal, Terceirize Editora, 2003.

sede, isto é matrizes de freguesias. Suas santas padroeiras são representações da vida “infanto-juvenil”, remetem a uma devoção vinda do Oriente, com relatos dos livros apócrifos.

Os apócrifos exerceram grande influência na história da Igreja, na liturgia, na espiritualidade, na arte, na literatura. É por meio deles que sabemos os nomes de Ana e Joaquim, pais de Nossa Senhora, da Apresentação de Maria ao templo e do privilégio de tecer com outras meninas o Véu do santuário” [...] A liturgia fixou esta festa, na proximidade do advento, a 21 de novembro. [...] No ano de 543, foi dedicada a Nossa Senhora, em Jerusalém, a maior basílica chamada “Nea”, Santa Maria a Nova, para celebrar a Apresentação de Maria ao Templo, festa que depois se estendeu a toda a Igreja.(...) A festa, ou a memória da Apresentação de Maria ao Templo, continua atual para os nossos tempos.<sup>45</sup>



Figura 8 : Fonte: Arquivo pessoal. Imagem de Nossa Senhora da Apresentação, exposta na igreja de Irajá. Relembrando Edward W. Soja, em sua primeira premissa que resume o que são as “especialidades”: “[...] a espacialidade é um produto social, consubstanciado e reconhecível, parte de uma ‘segunda natureza’ que incorpora, ao socializá-lose transformá-los, os espaços físicos e psicológicos”<sup>46</sup>. Observamos que os caminhos de expansão da fé, ligadas a diferentes períodos da igreja de Irajá podem ser afirmadas como espacialidades próprias. Certamente chama a atenção a quantidade das oito capelas privadas nos engenhos da época colonial e dos quatorze oratórios<sup>47</sup>,

<sup>45</sup>FARIA, Teodoro de. **MARIA, Mãe de Jesus**. Ed. Paulinas, Portugal, p 67 e 69, 2011. Grifo meu.

<sup>46</sup> SOJA, Edward W. **Geografias Pós-Modernas – a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. 2ª edição língua inglesa, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, p.158, 1993.

<sup>47</sup>ARAÚJO, José de Souza Azevedo Pizarro e. **Memórias Históricas do Rio de Janeiro. Imprensa Régia, 1820**. Anais da Biblioteca Nacional, vol.82. BN/RJ.1962.

despontando para a necessidade de ampliação da história dos agentes leigos da fé católica<sup>48</sup>, ligados a centralidade da matriz de Irajá, a sede da freguesia.

### 3- Transformações da freguesia de Irajá ao longo do tempo e as novas espacialidades.

Usamos o conceito de espacialidade, seguindo as reflexões de Edward W. Soja, que permite atravessar diversas temporalidades, sem o risco de anacronismo quando percebemos que a :

[...] temporalidade da vida social, desde as rotinas e eventos da atividade cotidiana até a construção da história em prazo mais longo ( *évènement e durée*, para usarmos a linguagem de Braudel ), radica-se na contingência espacial, exatamente do mesmo modo que a espacialidade da vida social se enraíza na contingência temporal/histórica.”<sup>49</sup>

O autor enfatiza o conceito de espacialidade como instrumento interpretativo, ao nosso ver, útil em especial para a Geografia Histórica, para descongelar e desnaturalizar histórias e processos ligados a memória social e aos conflitos entre memória oficial e resistências culturais. A história oficial dos subúrbios cariocas ainda não incorporou o seu passado colonial.

Devemos ao olhar a fragmentação desta primeira freguesia rural do Rio de Janeiro, para fazer o movimento de recuo no tempo e nas diferentes espacialidades das novas freguesias criadas posterior a de Irajá; para chegar a ter uma ideia imaginada da abrangência “histórico-social” da freguesia Nossa Senhora da Apresentação de Irajá a partir de 1644, como paróquia e sede da freguesia, e em 1647 com a chegada do alvará do rei lusitano.

<sup>48</sup> CHAON, Sérgio. **OS CONVIDADOS PARA A CEIA DO SENHOR: As Missas e a Vivência Leiga do Catolicismo na Cidade do Rio de Janeiro e Arredores (1750-1820)**.SP. Ed. Universidade de São Paulo, 2008.

<sup>49</sup>SOJA, Edward W. **Geografias Pós-Modernas –a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. 2ª edição língua inglesa, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, p.158-159, 1993.



Figura 9: Foto montagem e colorização do pesquisador Cleydson Garcia. Freguesia de Irajá, em toda sua extensão de 1644/1647 antes da primeira fragmentação em 1661, em meados do século XVII.

Chamaremos de “espacialidade inicial”, essa ilustração da freguesia de Irajá como um exercício imaginativo, necessário para compreender os posteriores desmembramentos da maior parte do território do município do Rio de Janeiro, incluindo as zonas norte e oeste. Soja alerta sobre uma “colocação equivocada da espacialidade” enquanto coleções de informações, mapas, medições, funções do espaço, vistas como coisas em si, desconectadas da “produção social do espaço”:

Assim, a **produção da espacialidade**, em conjunto com a **construção histórica**, pode ser descrita como o meio e o resultado, a pressuposição e a encarnação da ação e do relacionamento sociais, da própria sociedade. As estruturas sociais e espaciais estão dialeticamente entrelaçadas na vida social, e não apenas mapeadas uma na outra como projeções categóricas.<sup>50</sup>

Foi com essa premissa que procuramos entender a construção das novas espacialidades da Freguesia Nossa Senhora da Apresentação de Irajá. As interpretações precisam ser ampliadas e postas em um movimento dialógico para que seja instrumento de entendimento histórico e espacial na unidade e na diversidade dos espaços ditos suburbanos.

As duas divisões iniciais acontecem na segunda metade do século XVII. As primeiras divisões foram feitas em 1661, com a criação da freguesia de Jacarepaguá, com o orago de Nossa Senhora do Loreto. A segunda divisão foi, em 1673, com o orago de Nossa

<sup>50</sup>SOJA, Edward W. *Geografias Pós-Modernas – a reafirmação do espaço na teoria social crítica*. 2ª edição língua inglesa, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, p.155, 1993. Grifo meu.

Senhora do Desterro. A criação da freguesia de Campo Grande começou por sua paróquia, que indicava atendimento aos seus fregueses dos Santos Sacramentos, sem estar vinculada a outra jurisdição eclesial, segundo Monsenhor Pizarro, porém o alvará real é de 12 de janeiro de 1757, e segundo Fróes: “[..], o fato do território ter-se desunido da Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação do Irajá, no ano de 1673, não implica, automaticamente, na criação da Freguesia de Nossa Senhora do Desterro de Campo Grande”<sup>51</sup>, polêmica que não vem ao caso, nesse artigo.

Geralmente a criação de novas freguesias estavam relacionada a vários fatores, em especial à dificuldade administrativa do clero, ao aumento populacional e à necessidade de execução das tarefas eclesiais. Esperamos que um estudo comparativo entre as freguesias coloniais aprofunde nossa capacidade imaginativa sobre esse passado que digno de apropriação e reflexão como processos históricos e geográficos da baixada de Irajá. Observamos que as duas principais divisões ocorrem ainda no século XVII e mais três freguesias foram criadas pelas divisões de: Guaratiba, Inhaúma e Engenho Velho sucessivamente no século XVIII.



Figura 10: Ilustração das extensões aproximadas com montagem e colorizaçãoda pesquisa de Cleydson Garcia. Freguesia de Irajá, após asua fragmentação em cinco novas freguesias até final do século XVIII ( 1795), segundo Noronha Santos:

1ª Freguesia de Jacarepaguá (N.Sª. Loreto – 1661) ;

<sup>51</sup> FRÓES, José Nazareth de Souza e GELABERT, Odaléa R. Enseñat. **Rumo ao Campo Grande: Por trilhas e caminhos**. Rio de Janeiro [s.n], 2004.

2ª **Freguesia de Campo Grande** (N.ª. S.ª do Desterro- 1673). O alvará de da freguesia de Campo Grande, foi confirmado em 1757;

3ª **Freguesia de Guaratiba** (São Salvador do Mundo -1676). O alvará da Freguesia de Guaratiba foi decretado em 1755;

4ª **Freguesia de Inhaúma** (São Thiago – 1743).No ano de 1743, foi elevada à paróquia e freguesia;

5ª **Freguesia do Engenho Velho** (São Francisco Xavier– 1795).

Neste espaço-tempo, final do século XVIII, Engenho Velho era uma espacialidade ligada à freguesia de Irajá, e anos mais tarde, foi elevado à curato de São Francisco Xavier em 1761. O alvará real de freguesia foi explicitado por Noronha Santos: “[...] e finalmente foi criada a freguesia pelo Alvará de 22 de dezembro de 1795, com território desmembrado da freguesia de Irajá.”<sup>52</sup>

O leitor percebe então que as espacialidades da freguesia de Irajá perpassam um longo período histórico mas nem sempre, a freguesia e a igreja matriz são pensadas em conexão com o contexto inicial da expansão da cidade e ao seu desenvolvimento. Outra grande dificuldade é pensar as espacialidades de cada bairro de forma não fragmentada, ligando-os a história oficial da cidade. Vamos relembrar a introdução de Paulo Berger, para o livro “As Freguesias do Rio Antigo–Vistas por Noronha Santos” , onde destaca a complexidade político-administrativa da cidade carioca, em especial após o Ato adicional de 12 de agosto de 1834 :

Adivisão territorial do então Município Neutro, nos tempos da Monarquia, compreendia um aspecto municipal, policial, e religioso que se entrosavam e se confundiam. Daí, portanto, o uso constante do **têrmo freguesia** para limitação de todos os atos administrativos ou religiosos.<sup>53</sup>

Podemos concluir que a dimensão municipal em diferentes escalas, ainda merece atenção para novas pesquisas e nos limitamos aqui a mostrar que a baixada de Irajá agrega toda essa complexidade histórico-espacial, que se iniciado pela freguesia de Irajá. Os limites da freguesia de Irajá no início do século XIX, apresentadas na ilustração em forma de “mapa”, são mais extensos que o recorte atual da baixada de Irajá ( figura 1).

<sup>52</sup> SANTOS, Noronha. *As Freguesias do Rio Antigo – Vistas por Noronha Santos..Cruzeiro*,p.43, 1965.

<sup>53</sup>SANTOS, Noronha. *As Freguesias do Rio Antigo – Vistas por Noronha Santos.Cruzeiro*,p.7,1965.Grifo meu.

A expressão “baixada de Irajá” foi retirada do mapeamento municipal<sup>54</sup>. Usamos este material produzido pela Prefeitura e Instituto Pereira Passos-IPP que desenvolveu mapas individuais de cada bairro para delimitar um recorte espacial explicativo, do que restou de uma imensa extensão da freguesia de Irajá. Podemos exemplificar essa nova espacialidade limita-se ao leste pela Baía de Guanabara; sudeste pela Serrada da Misericórdia, ao oeste pelo rio Piraquara e nascentes do rio Pavuna; ao sudoeste pela Serra do Engenho Velho que divide com a freguesia de Jacarepaguá; ao norte no rio Pavuna e o curso final do rio Meriti. Fisicamente também podemos identificar o núcleo dessa espacialidade pela sub-bacia do rio Irajá<sup>55</sup>, agregando a história e a produção social desse espaço marcada pela presença da matriz colonial de Irajá ao longo de séculos de referência.

Hoje, a baixada de Irajá, envolve aproximadamente 38 bairros, da área Norte do município carioca: Acari, Anchieta, Barros filho, Bento Ribeiro, Braz de Pina, Campinho, Campos dos Afonsos, Coelho Neto, Colégio, Cordovil, Costa Barros, Deodoro, Guadalupe, Honório Gurgel, Irajá, Jardim América, Sulacap, Madureira, Marechal Hermes, Olaria, Oswaldo Cruz, Parada de Lucas, Parque Anchieta, Parque Columbia, Pavuna, Penha, Penha circular, Ricardo de Albuquerque, Ramos, Rocha Miranda, Turiaçu, Vaz Lobo, Vicente Carvalho, Vigário Geral, Vila da Penha, Vila Kosmos, Vila Valqueire, Vista Alegre.

Foi na década de 80, do século XX, feito um trabalho de delimitação dos bairros do Rio de Janeiro pelos órgãos municipais. A Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação Geral, normatizou a denominação, a codificação e a delimitação dos bairros da Cidade do Rio de Janeiro, pelo Decreto nº 3158 de 23 de julho de 1981.. Embora o significado de “bairro” seja mutável diante da própria realidade vivida, isto é, da produção social dessa dada espacialidade, observamos que o conceito de “bairro” é complexo e tem atenção acadêmica, mesmo que diminuta para sua importância.

Aqui corroboramos com a forma de ver “uma certa unidade na diversidade” ligada a evolução da cidade. É fundamental adicionara reflexão histórica a estes espaços sociais diferenciados (freguesia, baixada geográfica e bairros) para a busca de uma “historicidade”, que pode perpassar diferentes espacialidades em diferentes tempos e escalas. O geógrafo Marcelo José Lopes de Souza conclui, em artigo fértil e

<sup>54</sup> PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO/IPP, *Atlas Escolar do Município do Rio de Janeiro*. 2000.

<sup>55</sup>Ver **Macrobacias, Microbacias, Sub-bacias, Rios e Canais: sub-bacia do rio Irajá** [http://www.educacaopublica.rj.gov.br/oficinas/geologia/hidrografia\\_rj/14.html](http://www.educacaopublica.rj.gov.br/oficinas/geologia/hidrografia_rj/14.html) Acesso 25 de Fevereiro 2020.

provocador: “Buscar essa historicidade equivale a procurar aqueles traços comuns que, a despeito das transformações ao longo do tempo e das diferenças interesaciais, permitem que enxerguemos uma certa unidade.”<sup>56</sup>. Novas pesquisas, estudos e artigos buscam uma visão mais holística das espacialidades suburbanas religadas ao passado colonial, imperial e rural destes bairros cariocas. Um exemplo que agrega essa “historicidade” é o artigo “Das Fazendas à Capital dos Subúrbios: A formação do Bairro de Madureira”<sup>57</sup>, impedindo a naturalização e a ilusão de uma história única. Interessante lembrar que as redes de capelas e oratórios ligadas a esta matriz de freguesia no Irajá, como o oratório da viúva de Antonio de Menezes, no engenho chamado do Portella e de João Ferreira Coito, no Campinho<sup>58</sup>, foram tornando-se provavelmente novas espacialidades, bem como outras capelas e oratórios não sinalizadas aqui. A matriz de Irajá torna-se o tema fértil para as espacialidades suburbanas.

A famosa igreja da Penha, hoje Basílica e Santuário Mariano já foi uma pequena capela administrada pela igreja Nossa Senhora da Apresentação de Irajá. Fácil confirmarmos jornais do início do século XX, com os destaques das festas e novenas na Penha. O padre “Tolomey”, em 1906, informava a hora do início em 18:30 e os transportes disponíveis: “Trem saindo às 17:45 da Estação São Francisco Xavier para os fiéis e os horários das barcas[...]”<sup>59</sup>. Como consta no aviso religioso sobre a novena, na primeira semana de outubro, como parte dos festejos de Nossa Senhora Penha de França de Irajá.

Hoje não pensamos nessas ligações administrativas e eclesiais. Irajá permaneceu com a marca do rural, embora passando pela baixada de Irajá os três ramais de linhas ferroviárias: Estradas de Ferro Central do Brasil (D. Pedro II); Estradas de Ferro Melhoramentos e Estradas de Ferro Rio d’Ouro.

Lembrando que o Ramal Central do Brasil foi eletrificado em 1937, e o Ramal Rio d’Ouro, permaneceu com a “Maria Fumaça” por mais tempo, foi o último a ser

<sup>56</sup>SOUZA, Marcelo José Lopes de. **O Bairro Contemporâneo: ensaio de abordagem política**. In: Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, v. 51, n. 2, p., abr /jun. 1989.

<sup>57</sup>URBINATI, Inoã Pierre Carvalho. “Das Fazendas à “Capital dos Subúrbios”: A Formação do Bairro de Madureira”. In: RIBEIRO, Ana Paula, CID, Gabriel da Silva Vidal, VARGUES, Guilherme Ferreira. (Orgs). **Memórias, territórios, identidades: Diálogos entre gerações na região da grande Madureira**. Museu Afrodigital, Rio de Janeiro. 2019.

<sup>58</sup>ARAÚJO, José de Souza Azevedo Pizarro e. *Memórias Históricas do Rio de Janeiro. Imprensa Régia, 1820*. Anais da Biblioteca Nacional, vol. 82. BN/RJ. 1962.

<sup>59</sup> JORNAL DO BRASIL, 1906, Hemeroteca, Biblioteca Nacional-RJ.

eletrificado. Este ramal é atualmente referenciado pela linha de Metrô e conservou o nome Irajá, em uma de suas paradas, localizada entre Vicente Carvalho e o bairro de Colégio.

O trem como marca de novas espacialidades foram consolidadas ainda mais, em meados do século XX. A baixada de Irajá (uma nova espacialidade da antiga freguesia) com novos fluxos das estradas de ferro, sempre integrados com a expansão dos bondes, de grande importância nos subúrbios cariocas. “A começar por lembrar que o bonde foi em toda parte um promotor do subúrbio moderno,”<sup>60</sup> e de que as Estradas de Ferros foram um alto investimento, de uma modalidade de transporte que envolvia a melhor tecnologia para época, e era a maior malha ferroviária do Brasil<sup>61</sup>. Essa modernidade tão importante para a população da cidade, ficou obscurecida para os suburbanos ao longo do tempo.

## CONCLUSÃO

A história da cidade do Rio de Janeiro não deveria centrar-se no século XIX, embora a vinda da corte portuguesa e do rei de Portugal em 1808, tenha marcado profundamente a urbanização e desenvolvimento da cidade colonial. As matrizes, paróquias, capelas e oratórios fazem parte da história da Igreja Católica, com seus templos já delimitados espacialmente em freguesias no Rio de Janeiro colonial. Formavam uma rede de capelas e centros de convivência da fé, que deixaram registros, não somente do rei, da lei e da fé, mas também do trabalho, dos desencontros entre culturas diferentes e das resistências ao processo de colonização lusa em nossas terras.

As pesquisas sobre as diferentes temporalidades e espacialidades estão no núcleo da preocupação, não só dos pesquisadores, mas também dos cidadãos que vivenciam a cidade em sua total municipalidade. Portanto questionar e refletir sobre a produção social de espacialidades nos subúrbios, ao longo de séculos, promove o entendimento de como a nossa cidade carioca se formou. Em especial para nós suburbanos, que desejamos reinterpretar o local onde vivemos, o período colonial oferece um grande

<sup>60</sup>FERNANDES, Nelson da Nóbrega. **O Rapto ideológico da Categoria Subúrbio – Rio de Janeiro 1858/1945**. Editora Apicuri. RJ.p.99, 2011.

<sup>61</sup>SABOYA, Gabi de . **O rapto ideológico da categoria subúrbio: entrevista com Nelson da Nóbrega Fernandes**. Jornal Acontece no Rio.

[https://www.youtube.com/watch?v=rJeC\\_cVHmlU](https://www.youtube.com/watch?v=rJeC_cVHmlU). Acesso 25 de março de 2020.

manancial de conteúdos e inspirações sobre a cidade e seus arredores, ainda pouco instrumentalizados.

Espacialidades são aqui entendidas através da geografia histórica, mas que devem ir além para pensar o ser social, suas intensas relações sociais em uma ou várias camadas de tempos vividos, consolidados em diferentes espaços físicos ou psicológicos. Logo as espacialidades tratadas neste artigo, sejam elas a freguesia de Nossa Senhora da Apresentação de Irajá, a baixada de Irajá e o bairro de Irajá estão unidas pelo olhar e pela preocupação com os processos formadores dos subúrbios cariocas. Entendemos que a igreja Nossa Senhora da Apresentação de Irajá, por ter desempenhado o papel administrativo e eclesial de uma matriz de freguesia, é historicamente uma espacialidade relevante, mas vai além da ocupação colonial. É um patrimônio histórico e de memórias que agregam diversas espacialidades suburbanas. A baixada Irajá é depositária da produção social do espaço ligado a antiga freguesia rural do Rio de Janeiro e do desenvolvimento de novos fluxos políticos, econômicos e culturais merece maior visibilidade na historiografia da cidade. A formação dos arrabaldes cariocas, fora do centro, nas antigas áreas rurais que se modernizaram são as espacialidades onde vivem a maior parte da população do município do Rio de Janeiro.

